

Tradução de conteúdos de Língua Inglesa para Língua Portuguesa

Spot the Dyslexic Child, A Guide for Parents and Teachers

P. J. Congdon, Gifted Children Information Centre, 1983

Descubra a Criança Disléxica, Um Guia para Pais e Professores

P. J. Congdon, Centro de Informação de Crianças Sobredotadas, 1983

Possíveis definições de Dislexia

“Pode considerar-se que uma criança de inteligência média ou acima da média tem dislexia se esta apresenta dificuldades significativas e persistentes na leitura, escrita e soletração, por comparação com as suas capacidades noutras esferas, em grau suficiente para impedir que o seu trabalho escrito reflita a sua real capacidade e conhecimento, apesar de ter uma educação adequada.”

Subcomissão de Serviços Médicos e de Saúde da Associação Britânica de Dislexia

“Uma perturbação* nas crianças que, apesar da sua experiência convencional na sala de aula, falham em adquirir as capacidades de leitura, escrita e soletração proporcionais às suas capacidades intelectuais.”

Federação Mundial de Neurologia, da qual era Presidente o Dr. MacDonald Critchley, autoridade mundial na área da Dislexia

“Uma dificuldade específica na linguagem, dizendo maioritariamente respeito aos detalhes das palavras e letras.”

Dr.^a Margaret Newton, Universidade de Ashton

Dislexia: o rótulo

As crianças que estão ainda a sentir sérias dificuldades com a linguagem escrita, muito depois do que seria normalmente esperado, são por vezes descritas como “disléxicas”. O termo provém do grego “dys”, que significa doente e “lexis” que significa palavra. Tal como muitos termos utilizados na Educação e na Medicina, dislexia é um rótulo que deve ser tratado com cuidado. A sua mais-valia como simples palavra ou rótulo reside no facto de nos permitir chamar a atenção ou identificar um quadro* de um modo que não seria possível com uma definição ou descrição extensas. Isto pode ser importante de um ponto de vista operacional. A própria simplicidade de um rótulo pode indicar mais claramente uma necessidade a um profissional cuja função é prestar assistência, ao passo que a complexidade de uma definição pode obscurecer a urgência da necessidade e, ao fazer isso, comprometer a possibilidade de ser prestada ajuda. Como uma patologia*, a dislexia parece ser de algum modo mais comum em rapazes do que em raparigas.

Dislexia: mais um problema de soletração [do que outra coisa]*

A operação mental necessária na soletração é de longe mais complexa do que aquela exigida pela leitura.

Quando lemos, estamos a traduzir símbolos sonoros em significados. A criança que está a aprender a ler consegue por vezes adivinhar uma palavra, quer por características distintas que esta tenha, quer pelo seu contexto ou posição num grupo de palavras. A soletração, por outro lado, não oferece nenhuma destas pistas. Escrever uma palavra de cor implica pesquisar na mente, seleccionar uma série de símbolos visuais com sons que lhes correspondem, e reordená-los na ordem certa (da esquerda para a direita) para produzir a palavra que se pretende. Para transmitir uma mensagem, é necessário ordenar várias palavras na ordem correta (também da esquerda para a direita). Requer mais organização, mais diferenciação, mais recordação, mais sequenciação e mais integração do que a leitura ou muitas outras capacidades. É uma das atividades mais sofisticadas inventadas pelo Homem, e exige claramente maturidade em certas áreas especializadas. Uma criança disléxica pode por vezes mascarar o seu problema ou simular progressos na escola atingindo um nível aceitável na leitura. É a sua dificuldade na soletração e na escrita que de facto evidencia a existência do distúrbio*.

Estas são características de uma criança que vivencia dificuldades específicas na **leitura**:

1. Confunde o **b** pelo **d**, o **p** pelo **q** ou o **f** pelo **t**.
2. Por vezes inverte palavras inteiras, p. ex. **me** por **em**, **sol** por **los** ou **som** por **mos**.
3. Não olha com cuidado para os detalhes numa palavra e adivinha a partir da primeira letra, p. ex. escreve **desconto** em vez de **descanso**.
4. Adivinha uma palavra pela sua forma ou estrutura geral, p. ex. escreve **saltou** em vez de **salvou**.
5. Não sabe o local da página onde estava a ler, às vezes a meio de uma linha ou no final de uma linha.
6. Não se lembra de palavras comuns ensinadas no dia anterior; conhece-as num dia, mas não no seguinte. Muito frequentemente esquece-se de palavras abstratas (**nos, eram, diz**)
7. Não tem um modo sistemático de perceber uma palavra que não conhece. Adivinha ou diz “não sei”.
8. Lê sem expressão e tende a ignorar a pontuação. Esta criança acha a mecânica da leitura tão difícil que tem pouca noção das ideias veiculadas pelos símbolos escritos.
9. Omite, substitui ou acrescenta palavras a uma frase.
10. Lê lenta e sincopadamente e acha a atividade muito cansativa.
11. Pode sentir dificuldades em dizer palavras longas: ex. **ambiente, estatístico, transparente, integração**.
12. Tem dificuldade em recordar sequências, p. ex. dias da semana, meses do ano, o alfabeto.
13. Tem problemas de lateralidade, p. ex., confunde a esquerda com a direita ou usa o lado direito para umas atividades e o lado esquerdo para outras. Este último quadro* é referido como lateralidade mista. Algumas pessoas acreditam que isto está associado aos problemas na leitura, uma vez que pode interferir no processo “esquerda para a direita” exigido pela leitura, bem como a abordagem da esquerda para a direita exigida por uma análise fónica posterior.

Estas são características de uma criança que vivencia dificuldades específicas na **soletração**:

1. Tem tendência para as inversões; por vezes memoriza letras ou palavras inteiras em espelho. Confunde **b** e **d**, **p** e **q**, **m** e **w**, **s** e **z**. Escreverá **mos** em vez de **som**, **me** em vez de **em**, ou **31** em vez de **13**.
2. Transpõe a ordem das letras, escreve **pérdio** em vez de **prédio**, ou **porcurar** em vez de **procurar**.
3. Tende a soletrar as palavras como se fossem foneticamente regulares ou escritas exatamente como soam, p. ex. escreve **icipa** em vez de **equipa**, **frss** em vez de **força**, **omenhe** em vez de **homem**, **cero** em vez de **quero**.
4. Não ouve a sequência de sons numa palavra e escreve partes isoladas desta, p. ex. **bata** em vez de **batata**, **fosfos** em vez de **fósforos**, Isto é por vezes conhecido como omissão de letras ou “*telescoping*” de palavras.
5. Não ouve as diferenças subtis entre palavras, p. ex. escreve **veio** em vez de **feio**.
6. Tem dificuldades com as consoantes e dígrafos, p. ex. escreve **xudo** em vez de **judo**, **onho** em vez de **olho**.
7. Por vezes tenta disfarçar a fraca capacidade de soletração com uma caligrafia conscientemente pouco cuidada.
8. [Demonstra] fraco uso das letras maiúsculas e da pontuação quando escreve frases.
9. Omite palavras em frases; encontra dificuldade em expressar-se através de frases escritas.
10. Evita escrever sempre que possível, por ser tão difícil e exigente.
11. Tem problemas de lateralidade, p.ex., confunde a direita com a esquerda. Pode ter lateralidade mista: por exemplo, escreve com a mão esquerda mas tem o olho direito dominante.

Os Psicólogos Educacionais podem considerar que uma criança disléxica tem dificuldades em testes como a Codificação, ou na associação de números e símbolos.

A operação mental aqui exigida é considerada semelhante à da compreensão da linguagem escrita na sua natureza arbitrária, sequencial e simbólica – também na medida em que vários símbolos usados são imagens espelhadas umas das outras. Outro teste no qual a criança disléxica pode encontrar dificuldades é com números de vários dígitos. i.e.: recordar uma série de dígitos, p. ex. 4863, pronunciados com intervalos de um segundo. Mais uma vez, a operação mental de retenção e sequenciação de números é semelhante à exigida pela leitura e soletração.

A criança disléxica inteligente frequentemente confunde os seus professores, uma vez que parece tão esperta e normal em todos os outros aspetos. A criança pode até obter resultados melhores na compreensão escrita do que no grau de exatidão ou na leitura mecânica.

Pode também mostrar boa capacidade conceptual, bom vocabulário e compreensão de situações sociais. Pode ter bom desempenho em testes envolvendo material visual e espacial, ou na análise e síntese de formas abstratas.

Uma criança disléxica é frequentemente boa em desenho, artes, jogos ou legos. Pode mostrar boa capacidade na aritmética mental mas, sem surpresa, tem dificuldade em lidar com problemas matemáticos quando estes são apresentados na forma escrita.

Poucas pessoas com dislexia têm todos os sintomas mencionados acima, e algumas têm também sintomas diferentes. Se o problema não for diagnosticado e tratado com ajuda especializada adequada, a criança pode tornar-se emocionalmente introvertida, confusa ou frustrada. Poderá procurar uma saída através de comportamento antissocial ou disruptivo, e, em casos extremos, virar-se para a delinquência.

1. Possíveis definições de Dislexia
2. Introdução
3. A minha história, por Paul Gibson
4. Onde encontrar ajuda

1. Possíveis definições de Dislexia

“Pode considerar-se que uma criança de inteligência média ou acima da média tem dislexia se esta apresenta dificuldades significativas e persistentes na leitura, escrita e soletração, por comparação com as suas capacidades noutras esferas, em grau suficiente para impedir que o seu trabalho escrito reflita a sua real capacidade e conhecimento, apesar de ter uma educação adequada.”

Subcomissão de Serviços Médicos e de Saúde da Associação Britânica de Dislexia

“Uma perturbação* nas crianças que, apesar da sua experiência convencional na sala de aula, falham em adquirir as capacidades de leitura, escrita e soletração proporcionais às suas capacidades intelectuais.”

Federação Mundial de Neurologia, da qual era Presidente o Dr. MacDonald Critchley, autoridade mundial na área da Dislexia

“Uma dificuldade específica na linguagem, dizendo maioritariamente respeito aos detalhes das palavras e letras.”

Dr.^a Margaret Newton, Universidade de Ashton

2. Introdução

Dislexia é ainda hoje uma palavra mal-amada, e subsistem ainda muitos mal-entendidos acerca dela. No entanto, e qualquer que seja a sua causa ou natureza, a sua

manifestação é a de que a criança tem dificuldades na leitura, escrita e soletração. Apesar de apresentarem uma inteligência média, e muitas vezes acima desta, as crianças disléxicas são frequentemente rotuladas de “alunos fracos*”, simplesmente preguiçosas ou distraídas por aqueles que os ensinam. De facto, elas não são nada disso. Apenas acontece que os métodos de ensino da escrita e da leitura utilizados na maioria das escolas as confundem.

Existem três premissas, comuns apesar de incorretas, sobre a aprendizagem da leitura, da escrita e da soletração. A primeira é a de que todas as crianças normais, sensatas e inteligentes possuem naturalmente a capacidade para as aprender. A segunda, a de que qualquer professor qualificado e experiente pode ensinar qualquer criança a ler. A terceira assume que todas as crianças que leem mal* podem ser eficazmente ensinadas, em conjunto, em aulas de apoio à leitura. A realidade prova-nos outra coisa. Existe ainda um conjunto de crianças que, apesar de revelarem uma inteligência normal e, muitas vezes, capacidades acima da média noutras áreas, não reagem favoravelmente aos métodos tradicionais de aprendizagem da linguagem escrita. Infelizmente, muitas delas nunca são identificadas como tendo uma dificuldade específica. Outras só são diagnosticadas por especialistas quando são referenciadas por problemas de comportamento, recusar ir à escola, ter dores abdominais, urinar na cama ou evidenciar um agravamento da asma; problemas que são secundários à questão central, nomeadamente a ausência de progresso na leitura e na escrita.

É muito frustrante ver como uma criança, de outro ponto de vista considerada inteligente, pode ser coartada pela sua inaptidão para lidar com o sistema som-símbolo da linguagem escrita. Algumas só desejam ser capazes de ler e escrever como as outras crianças, e mostrar aos seus professores e pais que não são preguiçosas nem estúpidas. Já têm a sua quota-parte de problemas. Não só sofrem na escola, como podem ainda sofrer em casa, quando os seus pais, de quem esperam o devido apoio, ficam irritados, zangados e são pouco compreensivos. Algumas são vítimas de bullying por pais dececionados. A ansiedade excessiva de pais carinhosos e preocupados pode ter efeitos igualmente adversos. A criança pode reagir com um apego excessivo à mãe, por “fazer-se de parvo”, ou recorrer a outros comportamentos para chamar a atenção. Frequentemente torna-se agressiva e antissocial. É interessante constatar que uma larga proporção de delinquentes juvenis tem dificuldades de leitura e, muitos destes últimos são, sem dúvida, simplesmente disléxicos.

Há quarenta anos, o Dr. MacDonald Critchley foi recebido com ceticismo quando falou de “dislexia”. Hoje, o assunto é discutido com mais dignidade, e membros informados de profissões ligadas à Medicina, à Psicologia e ao Ensino, que têm estudado o problema nas crianças ao longo do tempo, não questionam a utilidade do termo. Já há

muito que é esperado que a profissão docente, como um todo, reconheça a utilidade do termo, e que são necessários métodos especializados para que o serviço educativo cumpra a sua obrigação de providenciar a estas crianças um ensino adaptado às suas necessidades. Já há muito tempo também que os teóricos da educação se têm perdido em argumentos estéreis sobre as causas e definições da dislexia. O que é necessário é que estes reconheçam o que a profissão médica já sabe há mais de quarenta anos: que a dislexia existe e pode ser apoiada e que a designação “dislexia” é ela própria essencial para que seja prestado um apoio adequado.

Há demasiado tempo que as autoridades locais têm negligenciado a sua responsabilidade no assunto. Algumas autoridades apenas deixam correr o tempo, esperando que os pais eventualmente se cansem de se queixar e transfiram os seus filhos para escolas privadas. Demasiados pais foram iludidos, e assegurados de que os seus filhos estavam a receber aulas de apoio, ignorando que este apoio nunca ultrapassava uma ou duas sessões semanais de meia hora, onde a criança era ouvida a ler em voz alta junto do grupo. Para alguns pais, a lição a aprender será não se perder em correspondência infrutífera com as Autoridades de Educação locais, mas sim andar para a frente e fazer valer os seus direitos de acordo com a lei local.

Quando os pais são informados pela primeira vez de que o seu filho é disléxico, podem sentir-se confusos e impotentes. É provável que, quer a criança quer a família, precisem de apoio durante algum tempo. É importante que os pais ajudem a criança a manter a sua autoconfiança e a encorajem a continuar com os seus hobbies e outras atividades em que tenha sucesso. Acima de tudo, devem tentar consciencializá-la do seu problema e assim aliviar a sua ansiedade. Esta é uma crença defendida por muitos adultos que já experienciaram, eles próprios, o que é ser disléxico. O objetivo deste livro não é só o de oferecer orientação sobre o assunto, mas também o de apresentar essas orientações de maneira a que possam ser lidas pelos pais a uma criança que sofra do problema.

É certamente tido em conta que nem todas as crianças estão preparadas ou são capazes de enfrentar o seu problema de uma maneira tão direta. Muito dependerá da sensibilidade dos pais em relação à personalidade, estrutura mental e emocional dos seus filhos. É por isso recomendado que, primeiro, os pais leiam o livro e decidam então se será apropriado ler o capítulo central ao seu filho. Pode acontecer que, apenas por mostrarem certas páginas ou imagens desse capítulo, em primeira instância, possam ajudar a criança a entender o seu problema.

3. A minha história, por Paul Gibson

O meu nome é Paul Gibson. Tenho nove anos. Os adultos dizem que eu tenho capacidades acima da média em muitas coisas, mas no entanto, durante muito tempo, tive imensa dificuldade em escrever o meu nome. Se o escrevesse depressa, algumas vezes ficava assim:

Pual Gidsno

Entrei para a escola quando tinha cinco anos. Eu gostava, e fazíamos todo o tipo de coisas. Pintávamos, brincávamos às lojas, fazíamos bolos e tínhamos educação física. Todos os dias líamos e escrevíamos um pouco.

Eu não gostava muito disso, mas como não demorava muito tempo, não me incomodava muito.

No final do ano havia o Dia da Escola Aberta e os nossos pais vinham à escola para ver os nossos trabalhos e conversar com os professores. A minha professora disse que eu me tinha adaptado bem à escola, e que era muito bom no desenho e na pintura. Não tinha avançado muito na leitura e na escrita, mas eu provavelmente teria algum atraso na escola. Disse também que os rapazes estavam normalmente mais atrasados do que as raparigas quando começavam a escola.

Passou mais um ano e eu ainda achava difícil ler e escrever. Quando tentava soletrar as palavras, a maior parte das vezes eu lembrava-me das letras certas, mas punha-as na ordem errada. Parecia haver uma luta entre os meus olhos e as minhas mãos, que não trabalhavam bem juntos. Os meus pais ficaram muito preocupados, e pediram para falar com o Director da Escola. Queriam que se fizesse alguma coisa. Eles repararam que a minha irmã, que era dois anos mais nova do que eu, era capaz de ler e soletrar melhor do que eu.

O Diretor teve uma longa conversa com os meus pais. A minha mãe tinha visto um programa na televisão sobre a dislexia, e perguntou se eu seria disléxico. O Diretor riuse, e disse que isso não existia – e devia ser verdade, porque alguns peritos em Educação também tinham dito isso.

O Diretor disse que a dislexia tinha sido inventada pelos pais da classe média como uma desculpa para as crianças que tinham dificuldades na leitura. O que eu precisava era de umas aulas de apoio, e ele iria providenciar isso no período seguinte.

O período seguinte chegou, mas eu ainda não estava a receber nenhum apoio especial. Quando os meus pais se queixaram, o Diretor disse-lhes que o professor que dava aulas de apoio tinha sido dispensado da Escola por causa dos cortes na Educação.

Passou mais um ano, e nessa altura eu já tinha oito anos. Não gostava nada da escola, e às vezes fingia que estava doente para poder ficar em casa.

Na escola, os outros meninos às vezes faziam troça de mim porque eu não sabia ler nem soletrar muito bem. Parecia que me achavam diferente deles. Eu ficava muito envergonhado se me pediam para ler em voz alta. As palavras saíam baralhadas, e às vezes ao contrário. A minha professora ficava muito preocupada. Perguntava-se se eu seria só preguiçoso ou talvez eu tivesse dificuldades de aprendizagem e precisasse de ir para uma escola especial.

Ninguém sabia o que fazer, e então finalmente o Diretor escreveu a um senhor a quem chamavam Psicólogo Educacional. O Psicólogo Educacional veio ver-me à escola. Fez-me muitas perguntas e deu-me todo o tipo de jogos para fazer. Eu gostei muito.

Ele disse aos meus pais que eu era muito esperto, e que tinha uma inteligência acima da média, mas infelizmente eu tinha graves dificuldades na orientação das letras. Este era um problema particular. Algumas pessoas chamavam-lhe “dislexia”. Ele sugeriu que não usássemos o termo porque soava a uma doença, e algumas autoridades (pessoas com longos títulos e imensa formação) recusavam aceitar a evidência e ainda insistiam que a dislexia não existia. Mas havia uma luz ao fundo do túnel, porque alguns especialistas estavam então a reconhecer o problema apesar de lhe chamarem outro nome. Referiam-se a isso como dificuldades específicas na leitura e soletração.

Descrevendo-o deste modo, os especialistas não ficavam mal vistos, uma vez que muitos deles tinham passado muitos anos a dizer aos pais e professores que a dislexia não existia. No entanto, estas pessoas tiveram que mudar ligeiramente de opinião, porque desta vez havia uma Comissão Especial no Parlamento que se debruçava sobre o problema e, de facto, usavam o termo “dislexia” no seu nome. Além disso, muitas das grandes escolas privadas estavam a oferecer apoio às crianças disléxicas, e algumas autoridades locais tinham criado unidades especiais para estas crianças. Existia uma organização, grande e em expansão, chamada Associação Britânica de Dislexia, bem como outras organizações que estavam preocupadas com o assunto.

Mas havia outro problema, e este era difícil de resolver. Em Outubro de 1981, o Parlamento aprovou uma Lei da Educação que dizia que as crianças com necessidades educativas especiais tinham de receber ajuda adequada.

Se se fosse cego ou surdo, não havia dúvidas quanto à ajuda especial. Era providenciada rapidamente. No entanto, se se fosse disléxico, havia um sem número de desculpas que podiam ser arrançadas, e que podiam poupar o dinheiro das autoridades locais, não oferecendo ajuda especial.

Primeiro, podiam dizer que alguns especialistas em Educação argumentavam que a dislexia não existia. Podiam também dizer que já tinham nomeado professores de apoio

para ajudar as crianças que tinham atrasos na leitura. Infelizmente, na prática, estes professores de apoio nunca podiam dar uma ajuda regular nem diária, ou eram incapazes de dar a ajuda altamente especializada que uma criança disléxica precisa. Então, onde é que eu ficava [no meio disto tudo]? Foi-me dito que eu era bastante inteligente, e foi muito reconfortante para mim saber que eu não era estúpido como parecia na escola. E, ainda assim, eu tinha muitas dificuldades em ler, escrever e soletrar.

Os meus pais queriam que alguma coisa fosse feita. Em desespero, contactaram o Instituto de Dislexia. Um amigo tinha-lhes dado a morada desta organização.

O Instituto da Dislexia organizou vários grupos especiais para as crianças disléxicas. Os grupos são geridos por professores especialmente formados para esse efeito. Apesar de os grupos se reunirem durante as horas letivas, algumas autoridades locais permitem aos pais ir buscar as crianças às escolas para poderem participar nos grupos. Eu estou agora a frequentar um desses grupos.

Para financiar os grupos, os pais têm de pagar uma propina por cada sessão de aconselhamento. É muito caro, mas a minha mãe diz que vale a pena porque eu agora estou realmente a fazer progressos na leitura e na soletração. Eu também estou muito mais contente comigo próprio e, o que é mais importante, é que começo a perceber como funciona a dislexia. Agora vou tentar explicar-vos, e talvez isso possa ajudar-vos a entender as pessoas que sofrem disso.

Compreender a dislexia é, de alguma maneira, como abrir uma janela para um outro mundo. Por fora, uma criança disléxica não parece diferente das outras crianças. Num grupo de crianças, uma criança disléxica não parece diferente em nenhum aspeto. Sabem, toda a gente tem alguma coisa em que não é muito bom. Por exemplo, algumas crianças são muito inteligentes mas têm dificuldades em andar de bicicleta. Algumas mulheres são muito inteligentes mas não conseguem fazer bolos. Isso não quer dizer que não possam fazer essas atividades. Só significa que têm mais dificuldade em fazer as coisas bem. Já alguma vez se esqueceram do nome de alguém que conhecem muito bem? Isto acontece de vez em quando a toda a gente, mas a nós acontece-nos mais vezes.

Quando tento lembrar-me das letras numa palavra, parece que elas dançam na minha cabeça. Por outras palavras, tenho dificuldade em ter presentes os P's e os Q's, ou ainda, os A's, os B's e os C's. Às vezes consigo lembrar-me das letras certas numa palavra, mas escrevo-as na ordem errada. Aqui estão alguns exemplos:

secola em vez de ***escola***

me em vez de *em*
pregunta em vez de *pergunta*

Se colocarem letras nos lugares errados, estão a fazer uma **transposição**. Os Psicólogos dizem que terão tendência para as transposições. Às vezes eu transponho ou confundo letras quando estou a falar. Uma vez disse “*o lápis é cúbico*” em vez de “*o lápis é bicudo*”, e de outra vez disse a alguém que “*a mánica fazia barulho*” em vez de “*a máquina fazia barulho*”

Muitas das letras do alfabeto têm formas semelhantes. Aqui estão alguns exemplos:

b d p
m w
s z
[u n]

Às vezes fico confuso por estas letras serem tão parecidas.

Se trocarem estas letras, isso chama-se uma **inversão**. Quando invertem alguma coisa, isso quer dizer que estão a virá-la na direção oposta. Com as letras, isto significa que estão a lê-las ou a soletrá-las na direção errada. Os psicólogos dirão que vocês estarão a memorizar as letras em **imagens em espelho**. Às vezes, eu reverto palavras inteiras. Aqui estão alguns exemplos:

mos em vez de *som*
las em vez de *sal*
sol em vez de *los*

Na aritmética, às vezes cometo o erro de inverter os números. Posso escrever **13** em vez de **31**, e mesmo conhecendo o processo por trás do problema, eu vou, claro, chegar uma resposta errada.

Também tenho alguma dificuldade em recordar números de telefone. Uma vez pediram-me para desenhar um relógio. Ficou assim:

Às vezes esqueço-me de incluir letras numa palavra. Chama-se a isto omissão* das palavras. Aqui estão alguns exemplos:

fosfos em vez de *fósforos*

bata em vez de ***batata***
bioteca em vez de ***biblioteca***

Outras vezes eu escrevo as palavras exatamente como elas soam. O meu amigo chama-se **Nicholas** e uma vez escrevi o nome dele assim: **Nickerless**. [Joaquim – Chuaquim]

O Psicólogo Educacional disse à minha mãe que eu, muitas vezes, soletrava as palavras foneticamente, ou como soavam, e que isto era muito lógico, e era de facto um sinal da minha grande inteligência. Eu fiquei muito satisfeito ao ouvir isto.

Algumas crianças disléxicas têm muita dificuldade com as direções. Achem difícil distinguir a esquerda da direita, e isto continua a acontecer quando se tornam adultos. Por vezes, sofrem de uma condição* a que os Psicólogos chamam **lateralidade mista**. Isto significa que usam o lado direito para umas atividades e o lado esquerdo para outras. Eu escrevo com a minha mão direita, mas atiro com a minha mão esquerda e chuto com o meu pé direito.

As crianças disléxicas mais jovens às vezes parecem ser ambidestras. Não sabem bem que mão usar para escrever e para desenhar.

Algumas crianças disléxicas não conseguem estar quietas por muito tempo. Os professores dizem que eles “têm bichos carpinteiros”. Os Psicólogos chamam-lhes **hiperativos**. Têm montes de energia e não se conseguem ver livres dela concentrando-se nos trabalhos da escola, e por isso têm de descarregar essa energia fazendo outras coisas, e às vezes arranjam problemas por causa disso.

Às vezes a dislexia existe na família. O meu pai tinha dificuldades em soletrar e em escrever quando era novo, e eu tenho um tio que é empreiteiro e que diz que ainda tem dificuldade em preencher formulários.

Também temos que nos lembrar que existem graus de dislexia. Algumas pessoas têm graves problemas, outras têm leves dificuldades. A maioria dos adultos tem alguma dificuldade em soletrar. Podem provar isto se pedirem a um grupo de adultos para sublinhar as palavras soletradas corretamente na seguinte lista:

henriquecer

enriquecer

enriquecer

estravasar

extravasar

extravazar

improviso

emproviso

improvizo

mangedoura

manjedoura

chafariz

xafariz

expontâneo

espontâneo

Cada criança disléxica tem a sua maneira especial de aprender. A criança pode ter todos os problemas de que já falámos ou pode ter só alguns deles. Não existe uma maneira específica de aprender que funcione para todos nós.

Algumas crianças aprendem melhor com a ajuda de **imagens** ou **diagramas**. Uma coisa que parece ajudar-me é muita **repetição**. Isto quer dizer fazer a mesma coisa vezes sem conta. De algum modo, é como lavrar constantemente o mesmo sulco num campo. Ao repetir as coisas, eu traço sulcos ou caminhos no meu cérebro e assim é mais fácil lembrar-me delas.

Qualquer habilidade, seja ela desporto, tocar um instrumento, ou usar uma ferramenta nova, requer muita prática. São necessárias muitas capacidades para dominar uma língua. É preciso aprender a juntar os sons de forma a poder ler palavras. Também é preciso saber como se dividem as palavras em sílabas. Aprender estas capacidades é particularmente difícil para uma criança disléxica. Tal como algumas crianças acham difícil aprender um instrumento musical, outras acham difícil aprender a ler e a soletrar, e para conseguir fazê-lo precisam de imensa prática.

Se ser disléxico vos faz sentir, por vezes, muito infeliz ou frustrado, então pensem nas coisas em que são bons. Podem achar difícil acreditar que, de facto, há algumas vantagens em ser disléxico. Temos de nos esforçar muito, e isto é necessário se quisermos ser bem-sucedidos na vida. Também por terem de aprender maneiras diferentes de lidar com o seu problema, as crianças disléxicas tornam-se frequentemente adultos mais flexíveis e criativos.

Muitos de nós têm boas noções espaciais e sensibilidade à forma e estrutura, e tornamo-nos bons médicos, engenheiros, arquitetos, alfaiates, desenhadores e cientistas. Vocês também podem estar interessados em saber que estamos em boa companhia. Sabiam que o famoso cientista Albert Einstein e o famoso missionário Albert Schweitzer eram ambos disléxicos? O presidente dos Estados Unidos da América Woodrow Wilson também o era. A famosa atriz Susan Hampshire é disléxica, e o nadador olímpico Duncan Goodhew e o ornitólogo Peter Scott também são.

Nós, os disléxicos, temos grandes esperanças para o futuro. Muitas pessoas e organizações estão agora a começar a reconhecer os nossos problemas, e a tentar ajudar-nos. Recentemente, tem sido feita investigação importante na Universidade de Manchester. Foi descoberto que as pessoas que sofrem de dislexia têm diferentes tipos de movimentos oculares quando comparadas com outras pessoas, e o que é particularmente interessante é que os especialistas estão a tentar construir um teste baseados nos movimentos, que não requer ler nem soletrar. Deste modo, poder-se-á identificar em crianças muito novas uma propensão para sofrer de dificuldades na leitura. Quanto mais cedo estas crianças forem encontradas, melhor. Os ortoptistas,

pessoas especialistas nos movimentos oculares, poderão eventualmente ser capazes de nos ajudar no futuro. Também é provável que nos deem uma oportunidade mais justa nos exames nacionais. Alguns júris de exames estão agora preparados para dar tempo e atenção adicionais a candidatos disléxicos. Os examinadores esclarecidos não tiram pontos por má soletração ou caligrafia confusa, e aceitam menos conteúdo desde que o que esteja lá esteja correto e que o candidato tenha sido corretamente identificado como disléxico. Esta atenção ajuda os candidatos em situações mais extremas* e dá-nos confiança a todos.

Finalmente, não se esqueçam de que a dislexia não impede o sucesso na vida. Não há limite para aquilo que qualquer pessoa pode aprender. Então, continuem a tentar e não desistam.

4. Onde encontrar ajuda

Desenvolveram-se várias maneiras altamente especializadas de ajudar as crianças disléxicas nos últimos anos. Algumas destas dão ênfase à abordagem fónica, na qual a segmentação silábica sistemática de palavras é destacada em conjunto com capacidades de associação para combinar os elementos num todo significativo. Outras dão ênfase à abordagem multissensorial na qual os sentidos que estão mais fortes podem ajudar aqueles que precisam de um pequeno empurrão.

Mais recentemente, a abordagem simbólica tem ganho proeminência. Esta última é essencialmente um método pictórico ou visual, e diz-se que é especialmente útil para crianças que não respondem bem à abordagem fónica. É essencial, por isso, que quaisquer que sejam as causas das falhas na leitura, e a dislexia “verdadeira” é sem dúvida uma delas, o tratamento seja ajustado às necessidades de cada criança, individualmente.

Moradas úteis

Associação Britânica de Dislexia (British Dyslexia Association – BDA);

Secretary Mrs J. Smith, Church Lane Peppard, Oxfordshire RG95JN;

Pretende assegurar o correto reconhecimento da dislexia como uma incapacidade* normal, por todas as autoridades estatutárias; procura estimular a investigação sobre a dislexia; promove políticas gerais e também ajuda e aconselha indivíduos. A sede da associação foca-se na coordenação de um número crescente de associações locais de carácter voluntário.

Centro de Dislexia (Reabilitação)

Tavistock House(South), Tavistock Square, London WC1H 9LB

Oferece apoio a crianças e adultos e forma professores.

Centro de Dislexia Helen Arkell

Cronlace Road, nº 14, London SW6 4BB

Favorece a abordagem multissensorial para ultrapassar as dificuldades na leitura e emprega uma série de material para disléxicos. Este material é também útil para alunos mais fracos*.

O Centro oferece acompanhamento para grupos pequenos e para alunos individuais e, sempre que possível, gere a abordagem em função das necessidades individuais. Dentro dos materiais recomendados estão a Caixa de Letras de Edith Norrie, o Sistema

de Pictogramas e o Kit de Leitura Programada de Stott. O Centro também providencia aulas para ajudar os professores a compreender as dificuldades de leitura dos disléxicos.

Universidade de Ashton

Birmingham

Possui uma unidade de investigação para o desenvolvimento da linguagem que realiza investigação sobre a dislexia. Produziu várias publicações úteis. Organiza avaliações de crianças disléxicas e fornece orientações para professores.

*Notas de tradução

* [...] : Foram acrescentados alguns termos e expressões quando se considerou que a tradução do texto original carecia de explicações adicionais.

* **Slow Learners**: a expressão, que se refere a alunos que aprendem lentamente, que na Língua Inglesa corresponde a um “rótulo” relativamente comum, foi traduzida para Português como “*alunos fracos*” ou “*alunos com dificuldades*”.

* **Backward Readers**: a expressão, que se refere a alunos que revelam um atraso na aquisição das competências de leitura significa, traduzida à letra, “ler ao contrário”. Foi traduzida pelas expressões “*alunos que leem mal*” e “*alunos com dificuldades na leitura*”.

* **Late Developer**: a expressão, que se refere a alunos que revelam um atraso na aquisição das competências gerais significa, traduzida à letra, “que se desenvolve mais tarde”. Foi traduzida pela expressão “*aluno com algum atraso*” e “*aluno com atrasos na escola*”.

* **Telescoping of Words**: a expressão refere-se às Omissões evidenciadas, na escrita, pelas crianças com dislexia e significa, à letra, “encurtamento das palavras”. Optou por não se traduzir, uma vez que não se conhece em Português um termo que corresponda a esta expressão, quando utilizada no contexto da dislexia.

* **Remedial Classes**: a expressão refere-se a “*aulas de remediação*”, “*aulas de apoio*” ou “*aulas de reforço*”; estes últimos termos têm sido utilizados no Ensino em Portugal, apesar de mudarem de designação ao longo do tempo, e ainda de acordo com as opções de cada Escola.

* **Condition**: a palavra significa “*quadro*”, “*patologia*” ou “*doença*”. Os significados e o uso destes termos têm, particularmente na área da Psicologia e da Psiquiatria, sofrido alterações significativas durante as últimas décadas.

* **Disorder, Disturb**: as palavras significam “*desordem*”; “*distúrbio*”, “*perturbação*” ou “*transtorno*”. Os significados e o uso destes termos têm, particularmente na área da Psicologia e da Psiquiatria, sofrido alterações significativas durante as últimas décadas.

* **Disability**: a palavra significa “*incapacidade*”, “*doença*” ou “*deficiência*”. Os significados e o uso destes termos têm, particularmente na área da Psicologia e da Psiquiatria, sofrido alterações significativas durante as últimas décadas.

* **Borderline**: a palavra significa “*no limite*” ou “*no extremo*”. Os significados e o uso deste termos tem, particularmente na área da Psicologia e da Psiquiatria, sofrido alterações significativas durante as últimas décadas. No contexto apresentado, “**borderline candidates**” não se refere de todo a indivíduos com Transtorno de Personalidade Limítrofe, mas sim a crianças que apresentam sintomas de dislexia mais extremos.